

O Sentido Psicológico de Comunidade em Estudantes de Países PALOP e CPLP a Frequentar a Universidade da Beira Interior

Eliane Morais Martins *patymartins89@hotmail.com*

Graça Esgalhado *mgpe@ubi.pt*

Universidade da Beira Interior, Portugal

Resumo

Neste estudo avalia-se o sentimento psicológico de comunidade e a importância da comunidade nos estudantes dos países PALOP e CPLP a frequentar o ensino superior na Universidade da Beira Interior (UBI), comparativamente entre géneros e em função do tempo de frequência na UBI. A amostra é composta por 153 estudantes dos países CPLP e PALOP, 72 mulheres e 81 homens. Utiliza-se a Escala Breve do Sentido de Comunidade (Marante, 2010) e a Escala da Importância da Comunidade (Gonçalves, 2009), e um questionário de dados. Os resultados evidenciam elevado sentido psicológico de comunidade, o que pode indicar existência de relações sociais no contexto académico, com estabelecimento de laços sociais fortes, com conhecimento das necessidades e dos recursos disponíveis.

Palavras-chave: sentido psicológico de comunidade, importância da comunidade, satisfação das necessidades, envolvimento, diferenças de género, tempo de frequência na universidade

The psychological sense of community among students from PALOP and CPLP countries at the University of Beira Interior

Abstract

This study assessed the psychological sense of community and the importance of community among students from PALOP and CPLP countries attending higher education at the University of Beira Interior (UBI), comparing gender and time of attendance at the UBI. The sample consisted of 153 students from PALOP and CPLP countries, 72 women and 81 men. We used the Scale of the Brief Sense of Community (Marante, 2010) and the Scale of Community Importance (Gonçalves, 2009), and a questionnaire. The results showed a high psychological sense of community, which may indicate the existence of social relations in the academic context, with strong social ties and awareness of needs and available resources.

Keywords: psychological sense of community, the importance of community, satisfaction of needs, involvement, gender differences, time of attendance at university

O conceito de sentido de comunidade e as formas pelas quais as comunidades satisfazem as necessidades de pertença dos seus membros têm sido uma das áreas de investigação privilegiada na psicologia comunitária. Sarason, em 1974, apresentou o conceito de sentido psicológico de comunidade (SPC), com o propósito de explicar a natureza dos laços estabelecidos entre os indivíduos e os grupos sociais alargados, como a comunidade. O SPC foi definido por este autor como a percepção de semelhança e o reconhecimento de interdependência com outros, a predisposição para a manutenção dessa interdependência, e o sentimento de que se faz parte de uma estrutura estável superior e da qual se pode depender (Sarason, 1974). Segundo Dalton, Elias e Wandersman (2001) o sentido psicológico de comunidade refere-se à percepção de pertença e de compromisso mútuo que liga os indivíduos numa unidade coletiva. O interesse pelo conceito em estudo originou uma enorme variedade de investigações. Diversos investigadores estudaram e mediram o SPC em contextos de vizinhança, bairros e localidades (Ornelas, 2008). Deste modo, defende-se a existência de uma relação entre a qualidade de vida dos indivíduos e da comunidade, pelo que comunidades fortes beneficiam os indivíduos. Assim, a pertença a um grupo, organização ou comunidade, em que a pessoa possa simultaneamente dar e receber apoio, é uma forma de aumentar o controlo pessoal (Rappaport, 1994), ou seja, aumentar a confiança e as convicções pessoais sobre a sua capacidade de intervenção e influência nas várias esferas da sua vida. Nestes contextos – formais e informais – as pessoas podem encontrar recursos materiais, desenvolver afinidades pessoais e sentimentos de identidade, de integração e de comunidade, através das suas ligações com os outros. Portanto, o sentido psicológico de comunidade dilui e previne os sentimentos de isolamento, solidão e alienação dos indivíduos das suas comunidades (Ornelas, 2008).

Investigadores de diversas áreas, entre as quais sociologia, psicologia, desenvolvimento comunitário, comportamento político entre outras, tentaram definir, desenvolver e quantificar o conceito de SPC em contextos diversos: vizinhança, bairros e localidades (Chavis, Hogge, McMillan & Wandersman, 1986; Glynn, 1981; Joranko, 1998). Destes investigadores, destaca-se o estudo realizado por Glynn (1981) que identificou a homogeneidade, a interdependência, a responsabilidade compartilhada, as relações presenciais, relações e objetivos comuns, como elementos fundamentais do sentido psicológico de comunidade. Por seu lado, Joranko (1998) ressaltou a importância da ligação e o apoio entre os indivíduos que fazem parte da comunidade, assim como a participação na vida comunitária. Não obstante o facto de estes modelos terem ganho alguma “popularidade”, nenhum deles está fundamentado em termos teóricos como o trabalho apresentado por McMillan e Chavis em 1986 (Chipuer e Pretty, 1999). Este modelo é ainda hoje o mais utilizado para o estudo do sentido psicológico de comunidade.

O Modelo de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986): Dinâmica do(s) sentido(s) de comunidade(s) e as múltiplas pertencas

Com o propósito de desenvolver uma teoria mais compreensiva do SPC, identificaram-se os seus vários componentes ou elementos – Estatuto de Membro (Pertença), Influência, Integração e Satisfação das Necessidades, e Ligações Emocionais Partilhadas – e respetiva dinâmica. Descreve-se o processo através do qual os referidos elementos trabalham em conjunto para produzir a experiência de sentido psicológico de comunidade. O primeiro elemento – Estatuto de Membro ou pertença, refere-se ao sentimento de pertença a uma comunidade, isto é, ao sentimento de fazer parte de uma comunidade e identificar-se com ela, e subdivide-se em cinco atributos, que se articulam de modo a definir quem faz parte da comunidade e quem não faz: (1) “Fronteiras” ou “Limites” demonstra quem faz parte da comunidade e oferece ao indivíduo a segurança emocional necessária para potenciar a exposição de necessidades e sentimentos, assim como o desenvolvimento da sua intimidade; (2) “Segurança Emocional” surge do estabelecimento de fronteiras seguras e possibilita aos indivíduos o sentimento de que existe um lugar para eles na comunidade e que lhes pertence; (3) “Sentimento de Pertença” e “Identificação”, manifesta-se na crença e na expectativa de que fazemos parte de uma comunidade, de que nela somos aceites, e numa vontade de nos “sacrificarmos” por ela, delimitando, assim, quem está ou não integrado nessa comunidade: *e.g.* “É o meu grupo” e “Eu faço parte do grupo”; (4) “Investimento Pessoal” resulta do contributo – material ou simbólico – que cada indivíduo oferece à comunidade, o qual estimula o desenvolvimento de vínculos mais fortes entre os seus membros; e (5) “Sistema de Símbolos Comuns” refere-se ao conjunto de símbolos adotados e partilhados pela comunidade, ajudando a defini-la, a estabelecer os seus limites e a identificar quem dela faz parte, unindo, desta forma, os seus membros. Exemplos de símbolos são: as tradições, os rituais, as cerimónias, os trajes, os mitos e os feriados com significados especiais para a comunidade. O segundo elemento – Influência – é um conceito bidirecional, ou seja, supõe por um lado que a comunidade é influenciada pelos membros que a compõem (através da sua participação na vida comunitária), e por outro lado, os membros são influenciados pela própria dinâmica comunitária. O equilíbrio entre a participação e a influência permite a integração dos indivíduos na comunidade e, por inerência, a construção do sentido psicológico de comunidade. Assim sendo, a influência é definida como o sentimento de importância mútua, que resulta da influência que o grupo exerce sobre os seus membros e vice-versa. O terceiro elemento – Integração e Satisfação das Necessidades – diz respeito ao sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através dos recursos que lhes são disponibilizados, devido ao seu estatuto de membro do grupo, sendo que esta satisfação constitui um reforço para o indivíduo, sustentando a sua permanência no grupo.

Deste modo, é fundamental que a comunidade disponha dos recursos necessários para que os indivíduos possam satisfazer as suas necessidades. Por fim, o quarto elemento – Ligações Emocionais Partilhadas – traduz-se no sentimento de intimidade e conforto que decorre do compromisso e da crença de que os membros de uma comunidade partilham ou irão partilhar histórias de vida comuns, espaços comuns, tempo em conjunto e experiências semelhantes (McMillan & Chavis, 1986).

Nesta mesma linha, Obst, Zinkiewicz e Smith (2002) reexaminaram o modelo de SPC proposto em 1986 por McMillan e Chavis e identificaram uma quinta dimensão, a Identificação Consciente, ou seja, a existência de uma forte relação entre a autoimagem de um indivíduo e a sua integração enquanto membro de uma comunidade. Argumentam que esta nova dimensão poderia melhorar o modelo inicial de SPC. Também Davidson e Cotter (1991) defendem que é importante para o indivíduo sentir-se parte de uma comunidade porque eleva o seu sentimento de bem-estar: aumenta a sua felicidade, diminui as suas preocupações e desenvolve o seu sentido de eficácia.

No que toca à dinâmica das dimensões subjacentes ao SPC, McMillan e Chavis (1986) sustentam que estas se combinam num modelo circular, de auto-reforço, com as diferentes circunstâncias e consequências a terem origem nas ligações estabelecidas com a comunidade e no SPC. Cada uma delas reforça as outras, da mesma forma que, juntas, criam e mantêm o sentido psicológico de comunidade geral. As histórias partilhadas entre os membros do grupo geram um maior sentimento de pertença e reforçam a associação, que por sua vez representa a base para que haja confiança e influência nos relacionamentos internos da comunidade. Estes por sua vez são a base para que as trocas e recompensas aconteçam. Juntos, estes elementos aumentam e fortalecem o repertório de histórias que o grupo divide, alimentando o ciclo. Na realidade, para a perspetiva em análise, estas ligações são fortificadas através de: (1) frequência de contatos positivos e próximos entre os membros; (2) qualidade e clareza das interações; (3) partilha de experiências importantes; (4) investimento dos membros na comunidade; (5) reconhecimento e valorização da participação dos membros pela comunidade; e (6) vínculo espiritual à comunidade. Logo, o SPC é um fenómeno complexo que depende de vários processos e elementos que se influenciam mutuamente de forma a criar e sustentar esse sentimento. Este percurso dinâmico de auto-reforço é suscetível a mudanças ao longo do tempo, a mudanças de valores e à influência de fatores externos (ex.: economia, empregabilidade, transportes e a comunicação social) (McMillan & Chavis, 1986). Outros autores defendem uma dinâmica de continuidade – sobreposição – das diferentes dimensões que compõem o sentido de comunidade, num continuum que vai do negativo ao positivo, estabelecendo ligações simultaneamente com diferentes comunidades (Brodsky & Marx, 2001).

De acordo com Marante (2010), esta posição não elimina o modelo circular de auto-reforço, mas antes acrescenta-lhe a noção de simultaneidade na sua dinâmica de influência mútua. Os vários elementos do SPC estão em constante movimento e reorganizam o significado e propósito que lhes são atribuídos, conduzindo ao redirecionamento do investimento feito pelas pessoas nas suas diferentes comunidades, com a consequente mudança das condições proporcionadas por essas comunidades, atualizando a atratividade para os seus membros. Assim sendo, considera-se a possibilidade de um indivíduo pertencer a diversas comunidades, face às suas diferentes responsabilidades, papéis, propósitos e interesses, portanto, considerando múltiplas modificações na identificação, assim como no sentido psicológico de comunidade e/ou múltiplos sentidos de comunidade (Obst & White, 2005). Para além de uma conceptualização de SPC assente na descrição dos elementos que o compõem, outros autores afirmam a necessidade de aperfeiçoar a definição do conceito de SPC, diferenciando tipos de comunidades, com vista a uma melhor compreensão do mesmo.

Tipos de comunidade/Sentido de comunidade

Gusfield (1975) e Heller (1989, citado em Ornelas, 2008) propuseram dois tipos para comunidade: a comunidade como um território ou comunidade geográfica e a comunidade como um grupo relacional. A comunidade como um território diz respeito à conceção tradicional do termo e refere-se aos bairros, às cidades, aldeias ou mesmo regiões. Assim sendo, a comunidade é concebida em função de um território específico e as relações interpessoais entre os residentes devolvem-se em função da proximidade (Dalton, Elias & Wandersman, 2001). Na verdade, nas comunidades territoriais, SPC envolve a união e o sentimento de pertença a esse local. Os membros da comunidade sentem que podem exercer influência sobre aquilo que acontece na sua comunidade, que as suas necessidades serão satisfeitas pelos recursos locais e através do contato com os outros residentes. O SPC pode prosperar tanto em bairros e pequenas localidades, como nas grandes cidades (Adams, 1992, p. 62, citado em Ornelas, 2008).

Por seu turno, para Heller (1989), a comunidade como um grupo relacional é definida pelos interesses, culturas, tarefas ou propósitos comuns dos seus membros, por exemplo os clubes recreativos, os grupos de ajuda mútua, as associações de jovens, as empresas e as associações de imigrantes. Acrescem igualmente, as organizações que se constituem como estruturas de poder coletivo, com objetivos de intervenção social e política, como as organizações de mulheres, sindicatos e associações ambientalistas (Heller, 1989, citado em Ornelas, 2008). Nos últimos anos, surgiu um novo tipo de comunidade relacional, *e.g.* fóruns ou grupos de discussão e suporte *on-line* como a vídeo-conferência, onde, na maioria das vezes, os membros não têm qualquer contato presencial.

Nestas comunidades, as relações entre os residentes desenvolvem-se com base em interesses e valores comuns. Também numa comunidade relacional o SPC implica a ligação e o sentimento de pertença ao grupo. Os membros sentem esse contexto como um espaço seguro, onde podem aprender novas competências e fazer amigos, investem a sua energia e tempo no seguimento dos objetivos comuns, sentindo que podem fazer a diferença, e estabelecem uma ligação afetiva com essa comunidade e com os seus membros (Ornelas, 2008). Efetivamente, estudos realizados tanto nas comunidades geográficas como nas comunidades relacionais demonstram que o SPC está relacionado com resultados positivos para as pessoas e para as comunidades. Outras pesquisas evidenciam a ligação entre sentido psicológico de comunidade e participação social, assim como demonstram uma correlação positiva entre o SPC e o desenvolvimento de relações positivas entre vizinhos, a participação em organizações locais, o controlo percebido sobre o ambiente envolvente e a eficácia coletiva (Florin & Wandersman, 1984; Long & Perkins, 2003; Unger & Wandersman, 1985, citado em Ornelas, 2008).

Em suma, o SPC refere-se à percepção de pertença e de compromisso mútuo que liga os indivíduos numa unidade coletiva. Assim, a função e a importância que a comunidade assume para a pessoa influenciaria o seu grau de envolvimento e investimento nessa comunidade, assim como os sentimentos que nela desenvolve e os motivos pelos quais se identifica com esta (Dalton, Elias & Wandersman, 2001). Nesta linha, e uma vez que os estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) deixaram as suas comunidades de origem para completarem a sua formação académica em Portugal, e conseqüentemente integrarem novas comunidades, procura-se neste estudo avaliar qual a importância atribuída à(s) nova(s) comunidade(s) e o nível de sentido psicológico de comunidade desenvolvido. Para tal formulam-se objetivos orientadores do presente trabalho:

- Avaliar o nível de sentido psicológico de comunidade e o grau de importância atribuído à comunidade por estudantes PALOP e CPLP.
- Determinar o nível de satisfação das necessidades e o grau de envolvimento dos estudantes PALOP e CPLP na comunidade onde estão inseridos.
- Comparar diferenças no sentido psicológico de comunidade, na satisfação das necessidades e no envolvimento em estudantes PALOP e CPLP, em função dos géneros.
- Comparar diferenças na importância atribuída à comunidade, na importância da pertença e na importância do contato social entre géneros.
- Comparar diferenças no sentido psicológico de comunidade, na

satisfação das necessidades e no envolvimento dos estudantes PALOP e CPLP na comunidade, em função do tempo de frequência na UBI.

- Comparar diferenças na importância atribuída à comunidade, na importância da pertença e na importância do contato social em função do tempo de frequência na UBI.

Método

O estudo é quantitativo e de tipo observacional-descritivo (Ribeiro, 1999), uma vez que nos propomos recolher dados que descrevem o modo como os sujeitos se comportam nas tarefas propostas. Também é de natureza transversal, pelo facto de ter sido realizado num único momento. Para realizar a análise estatística utilizou-se o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) na versão 19.0. No tratamento dos resultados recorre-se à utilização de estatística descritiva e do tipo inferencial. Utilizam-se testes *t* de *student* e ANOVA que permitem comparar as médias entre os grupos independentes. Recorreu-se à estatística paramétrica para análise dos dados depois de verificar a existência de uma distribuição normal através do teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) (Pestana & Gageiro, 2008).

Definem-se como variáveis dependentes o sentido psicológico de comunidade e a importância da comunidade, e como variáveis independentes o género e o tempo de frequência na universidade.

Participantes/ Amostra

A amostra deste estudo é por conveniência (Ribeiro, 1999). Participaram 153 sujeitos oriundos dos países CPLP e PALOP, de Cabo Verde, Angola, Portugal, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor, São Tomé e Príncipe e Brasil. Os sujeitos da amostra são agrupados por nacionalidade não portuguesa (49,7 %) e portuguesa (50,3 %) (Cf. Figura 1).

Figura 1
Distribuição percentual dos sujeitos em função do país de origem agrupados por nacionalidade não portuguesa e portuguesa



Destes estudantes, 72 (47,1%) são do gênero feminino e 81 (52,9%) do gênero masculino. Os estudantes apresentam uma média de idade de 22,6 anos (DP=3,74), sendo a moda de 20 anos e a mediana de 22 anos. O valor da idade mínima é 18 anos e a máxima é 40 anos. No que diz respeito ao ano de matrícula, 54,9% dos estudantes começaram a frequentar a UBI de 2002 a 2008, e 44,4% iniciou os estudos na universidade de 2009 a 2012, conforme se pode observar na Tabela 1.

Ano de entrada na Universidade	Frequência	Porcentagem
2002-2008	84	54,9
2009-2012	68	44,4
Total	152	99,3

Tabela 1
Distribuição frequencial e percentual dos sujeitos em função do ano de entrada

Dos estudantes da amostra, 87,6% responderam que a entrada na universidade implicou a sua saída de casa. No que concerne à satisfação em relação à comunidade onde vive, 68% dos estudantes referem encontrar-se satisfeitos, 55,5% afirmam relacionar-se bem com os vizinhos e 91,5% dizem sentir-se integrados. 52,3% dos estudantes participam em atividades na comunidade onde vivem e 47,7% dizem não participar nas atividades na comunidade.

Instrumentos

Utilizou-se o Questionário de Dados, a Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC) (Marante, 2010) e a Escala de Importância de Comunidade (EIC) (Gonçalves, 2009).

Questionário de dados

O questionário de dados compreende duas partes: a primeira abrange perguntas sociodemográficas, sendo elas a idade, o sexo, a nacionalidade, a morada atual, a faculdade, o ano, o curso, o ano de entrada na UBI, o nível de escolaridade dos pais; a segunda parte encontra-se organizada em questões sobre a satisfação com a nova comunidade, a relação com os membros dessa comunidade e a participação nas atividades da mesma.

Escala Breve de Sentido de Comunidade – EBSC (Marante, 2010)

A EBSC (Marante, 2010) é adaptada da *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) (Peterson, Speer & McMillan, 2008). A escala padrão foi validada numa comunidade residencial dos Estados Unidos (N=293). A partir de uma análise fatorial confirmatória verificaram-se as quatro dimensões (Satisfação de Necessidades – itens BSCS1e BSCS2; Pertença – BSCS3 e BSCS4; Influência – BSCS5 e BSCS6; e Ligações Emocionais – BSCS7 e BSCS8) teorizadas por McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996), com bons índices

de validade, *alfa de Cronbach* de 0.92. A adaptação portuguesa da EBSC manteve o formato original de 8 itens, embora tenha considerado duas dimensões: Satisfação de Necessidades (itens 1 e 2; $\alpha=0.81$); e Envolvimento (itens 3,4,5,6,7 e 8; $\alpha=0.82$). A escala total apresenta um bom índice de consistência interna ($\alpha=0.83$). No nosso estudo obteve-se um valor de $\alpha=0.80$ para a EBSC total, de $\alpha=0.70$ para a dimensão Satisfação de Necessidades e de $\alpha=0.78$ para a dimensão Envolvimento.

Os itens são respondidos numa escala de Likert de 5 pontos desde “discordo fortemente” (1) até “concordo fortemente” (5) (Marante, 2010). Não existem itens invertidos (*ibid.*). O ponto máximo da escala é 40 e o ponto mínimo é 1, sendo que, quanto maior é a pontuação, maior é o sentido de comunidade.

Escala de Importância da Comunidade – EIC (Gonçalves, 2009)

A Escala de Importância da Comunidade (EIC) foi uma adaptação de Moreira e Lindt (n.d., cit. em Gonçalves, 2009). Esta escala comporta duas dimensões: a Importância da Pertença – item 1 e a Importância do Contato Social – item 2 (Marante, 2010). De acordo com Marante (2010), os seus itens parecem estar relacionados com o que podemos definir como: (1) A Importância da Pertença revista no papel que a comunidade assume na identidade da pessoa; e (2) A Importância do Contato Social por via dos contatos sociais e das relações estabelecidas com a comunidade e suas pessoas. A EIC é constituída por uma escala tipo Likert com 5 opções de resposta: nada importante (1) até extremamente importante (5), tendo o 10 e 1 respetivamente como ponto máximo e ponto mínimo. Quanto mais elevada for a pontuação obtida, maior a importância atribuída à comunidade.

Procedimentos

Para quantificar o sentido psicológico de comunidade e a importância atribuída à comunidade foi solicitada autorização para utilização das respetivas escalas aos seus autores. A aplicação dos instrumentos foi feita individualmente e presencialmente em residências de estudantes e na universidade, sendo garantido o consentimento informado.

Resultados

As pontuações médias no sentido psicológico de comunidade (EBSC) são 28,41 (DP=4,43), sendo a mediana observada de 29 e a mediana teórica ou esperada de 24. Relativamente à importância atribuída à comunidade observa-se uma média de 6,32 (DP=1,58), sendo a mediana teórica e a observada de 6 pontos (cf. Tabela 2).

Tabela 2
Distribuição dos valores médios (\pm DP) da EBSC total e EIC total

	M	DP	Mediana	Mediana teórica	Moda
EBSC total	28,41	4,43	29	24	28
EIC total	6,32	1,58	6	6	6

Verificam-se valores médios de 7,08 (DP=1,35) para “Satisfação das necessidades” e de 21,31 (DP=3,64) para “Envolvimento”.

Conforme se observa na tabela 3, no que concerne à comparação das pontuações médias no SPC entre os gêneros, constata-se que não existem diferenças estatisticamente significativas [$t = (1,254) = 148; p = 0,212$]. Em relação ao sentido psicológico de comunidade, são os estudantes do gênero masculino, com valores médios de 28,83 (DP=4,47), que evidenciam um sentido psicológico de comunidade mais elevado, comparativamente com as estudantes, com valores médios de 27,92 (DP=4,37).

Não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias na dimensão “Satisfação das necessidades” entre os gêneros [$t = (0,351) = 150; p = 0,726$], sendo os estudantes do gênero feminino (M= 7,12; DP= 1,35) que demonstram ter melhor satisfeitas as suas necessidades na comunidade comparativamente com o gênero masculino (M= 7,04; DP= 1,35). Na dimensão “Envolvimento” também não se verificam diferenças estatisticamente significativas [$t = (1,670) = 149; p = 0,097$]. Observa-se que são os sujeitos do gênero masculino (M= 21,77; DP= 3,61) que estão mais “envolvidos” na comunidade de que fazem parte, comparativamente com os do gênero feminino (M= 20,78; DP= 3,62) (Cf. Tabela 3).

	Média		DP		t	df	p
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino			
EBSC total	27,92	28,83	4,37	4,47	1,254	148	0,212
EBSC satisfação das necessidades	7,12	7,04	1,35	1,35	0,351	150	0,726
EBSC envolvimento	20,78	21,77	3,62	3,61	1,670	149	0,097

Para efetuar as comparações nas variáveis em estudo em função da data de entrada na universidade dos participantes, constituíram-se dois grupos: o grupo a frequentar a universidade há mais de três anos (2002-2008) e o grupo a frequentar há menos de três anos (2009-2012). Não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias na escala EBSC total [$t = (1,234) = 147; p = 0,219$] entre os dois grupos. No que concerne ao sentido psicológico de comunidade, são os estudantes que começaram a frequentar a universidade há mais de três anos que apresentam maior SPC M=28,84 (DP=4,60), comparativamente com os que entraram há menos de três anos 27,94 (DP=4,21).

No que se refere à satisfação das necessidades também não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos [$t = (1,188) = 149; p = 0,237$], sendo os estudantes que entraram há mais de três anos (M= 7,21; DP= 1,37) que demonstram ter melhor “satisfeitas as suas necessidades” na comunidade onde se encontram, comparativamente com os que entraram na universidade há menos de três anos (M= 6,95; DP= 1,30).

São igualmente os estudantes que entraram há mais de três anos (M= 21,60; DP= 3,75) que estão mais “envolvidos” na comunidade em compa-

Tabela 3
Valores médios (\pm DP) da escala EBSC total, EBSC satisfação das necessidades, EBSC envolvimento entre os gêneros

ração com os que entraram há menos de três anos ($M= 20,97$; $DP= 3,52$), embora as diferenças nos valores médios não sejam estatisticamente significativas [$t= (1,054) = 148$; $p=0,294$] (Cf. Tabela 4).

Tabela 4

Valores médios ($\pm DP$) da escala EBSC total, EBSC satisfação das necessidades e EBSC envolvimento entre os grupos das datas de entrada na universidade

	Média		DP		t	df	p
	2002 -2008	2009 -2012	2002 -2008	2009 -2012			
EBSC total	28,84	27,94	4,60	4,21	1,234	147	0,219
EBSC satisfação das necessidades	7,21	6,95	1,37	1,30	1,188	149	0,237
EBSC envolvimento	21,60	20,97	3,75	3,52	1,054	148	0,294

Relativamente à importância da comunidade (IC) obtiveram-se pontuações de $M= 6,32$ ($DP= 1,58$), sendo a mediana observada e a teórica de 6.

No que diz respeito à comparação das pontuações médias nesta variável em função do género, constata-se que não existem diferenças estatisticamente significativas [$t= (-0,461) = 151$; $p=0,646$]. Em relação à importância atribuída a comunidade, são os estudantes do género masculino ($M= 6,38$; $DP= 1,45$) que atribuem maior importância à comunidade comparativamente com os estudantes do género feminino ($M= 6,26$; $DP= 1,73$). Também em relação à dimensão “pertença” não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os géneros [$t= (1,228) = 151$; $p=0,221$]. São igualmente os sujeitos do género masculino que dão maior importância à “pertença” na comunidade em que estão inseridos ($M= 3,08$; $DP= 0,89$), em comparação com os sujeitos do género feminino ($M= 2,90$; $DP= 0,95$). No que se refere ao “contato social” não se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os géneros [$t= (0,419) = 151$; $p=0,676$]. São os estudantes do género feminino que atribuem maior importância ao “contato social” na comunidade ($M= 3,36$; $DP= 1,09$), comparativamente com os estudantes do género masculino ($M= 3,29$; $DP= 0,81$) (Cf. Tabela 5).

Tabela 5

Valores médios e nível de significância da EIC total, EIC pertença e EIC contato social em função do género

	Média		DP		t	df	p
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino			
EIC total	6,26	6,38	1,73	1,45	-0,461	151	0,646
EIC pertença	2,90	3,08	0,95	0,89	1,228	151	0,221
EIC contato social	3,36	3,29	1,09	0,81	0,419	151	0,676

Das comparações na variável IC – importância da comunidade – em função da data de entrada na universidade dos participantes, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias [$t= (-0,487) = 150$; $p=0,627$]. No que diz respeito à importância atribuída à comunidade, são os estudantes que começaram a frequentar a universidade há menos de três anos que atribuem mais

importância à comunidade em relação aos que entraram nos anos de 2002-2008, ou seja há mais de três anos, apresentando valores médios respetivamente de 6,41 (DP= 1,50) e 6,28 (DP= 1,64).

Em relação à “pertença” não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias dos dois grupos [$t = (0,079) = 150; p=0,937$]. São os estudantes que entraram há mais de três anos (M= 3,01; DP= 0,98) que dão mais importância à “pertença” na comunidade em comparação com os que entraram na universidade há menos de três anos (M= 3,00; DP= 0,84).

Em relação ao “contato social” não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as pontuações médias dos dois grupos [$t = (-0,891) = 150; p=0,374$], e são os estudantes que entraram há menos de três anos (M= 3,41; DP= 0,93) que atribuem mais importância ao “contato social” na comunidade comparativamente com os que entraram há mais de três anos (M= 3,27; DP= 0,96) (Cf. Tabela 6).

	Média		DP		t	Df	p
	2002-2008	2009-2012	2002-2008	2009-2012			
EIC total	6,28	6,41	1,64	1,50	-0,487	150	0,627
EIC pertença	3,01	3,00	0,98	0,84	0,079	150	0,937
EIC contato social	3,27	3,41	0,96	0,93	-0,891	150	0,374

Discussão dos resultados

Os estudantes PALOP e CPLP a frequentar o ensino superior na Universidade da Beira Interior (UBI) evidenciaram bom sentido psicológico de comunidade, o que sugere uma boa integração no meio comunitário. A mudança para a(s) nova(s) comunidade(s), entre as quais se encontra a académica, parece ter associada uma adaptação das características pessoais do indivíduo, em termos relacionais e sociais, às características comunitárias.

Também é elevado o nível de satisfação das necessidades e o grau de envolvimento dos estudantes PALOP e CPLP na comunidade onde estão inseridos, pelo que se supõe que a maioria destes estudantes tem as suas necessidades satisfeitas e se sentem envolvidos na comunidade a que agora pertencem. Deduz-se que se sintam integrados, o que por sua vez implica um maior envolvimento, interação, e comprometimento mútuo entre os estudantes e a comunidade que os acolhe. Pretty, Andrewes e Collet (1994), Pretty, Conroy, Dugay, Fowler e Williams (1996) realizaram vários estudos com adolescentes canadianos e concluíram que um bom sentido de comunidade, no contexto do bairro e da escola, estava positivamente correlacionado com o bem-estar psicológico e negativamente correlacionado com os sentimentos de solidão dos adolescentes. Essas correlações eram mais fortes do que as identificadas com o suporte social recebido dos amigos e da família. Na nossa amostra, também os participantes não estão com as suas famílias, mas ultrapassam o sentimento de isolamento por terem um bom sentido psicológico de comunidade.

Tabela 5

Valores médios (\pm DP) da escala EIC total, EIC pertença e EIC contato social entre os grupos das datas de entrada na universidade

Noutra pesquisa realizada em 2001 por Dalton, Elias e Wandersman, verificou-se que o bem-estar individual se encontra relacionado com a saúde física e psicológica e com as competências socioemocionais, que permitem a manutenção da saúde e do bem-estar pessoal, do desenvolvimento da identidade e da prossecução de objetivos pessoais, como o sucesso académico ou a procura de um significado espiritual. A par destas conclusões, outros autores vêm salientar a relação entre este conjunto de fatores e o sentido psicológico de comunidade. Assim, Prezza e Costantini (1998) investigaram as relações entre SPC, satisfação com a vida, autoestima, suporte social percebido dos residentes e satisfação com os serviços prestados pela comunidade, em três comunidades de dimensões diferentes em Itália: (1) Viterbo, com 1693 habitantes; (2) Áquila, com 21 101 habitantes; (3) e Nápoles, com 52 434 habitantes. Concluem que o SPC apresenta uma estreita relação com a satisfação com a vida, a autoestima e o suporte social percebido. Os mesmos investigadores notaram que a satisfação com a vida é mais alta nos residentes da cidade mais pequena do que nos residentes das outras cidades, do mesmo modo que o SPC está relacionado somente com a satisfação com a vida para os residentes da cidade mais pequena. Evidencia-se deste modo a importância de se desenvolver um bom sentido psicológico de comunidade.

Da comparação das diferenças do sentido psicológico de comunidade, da “satisfação das necessidades” e do “envolvimento” dos estudantes PALOP e CPLP na comunidade entre géneros, constatou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas nas variáveis consideradas. Todavia, são os estudantes do género masculino que demonstram um maior sentido psicológico de comunidade e revelam um maior “envolvimento” na comunidade onde estão inseridos. Mas são as estudantes do género feminino que afirmam ter mais “satisfeitas as suas necessidades” na comunidade. Apesar de se verificarem ligeiras diferenças entre géneros, as pontuações totais são boas. Ou seja, os participantes do estudo parecem ter construído boas relações, partilha de recursos, poder coletivo, e o reconhecimento de que são parte de uma comunidade. Partilham um espaço, um lugar, o qual, embora não gere automaticamente uma comunidade, contribui para que um grupo de pessoas se sintam ligadas umas às outras e ao local onde vivem e sejam capazes de exercer influência como poder coletivo, de modo a ter as suas necessidades satisfeitas.

A comparação das pontuações médias no sentido psicológico de comunidade, na “satisfação das necessidades” e no “envolvimento” dos estudantes PALOP e CPLP na comunidade em função do tempo de frequência na UBI, não demonstrou diferenças estatisticamente significativas, o que indica que todos os inquiridos possuem um bom sentido psicológico de comunidade não obstante terem entrado na universidade há mais ou há menos de três anos. Os resultados dos estudantes que entraram há mais de três anos evidenciam um maior “envolvimento” e demonstram ter melhor “satisfeitas as suas necessidades” na comunidade. Tal poderá estar

relacionado com o tempo de permanência nas diferentes comunidades, com as relações estabelecidas entre os estudantes e demais membros da comunidade, e um conhecimento mais aprofundado dos aspetos particulares das comunidades, nomeadamente a cultura e os valores.

Relativamente ao grau de importância atribuída à “pertença” e ao grau de importância conferida ao “contato social” pelos estudantes PA-LOP e CPLP, constatou-se que os sujeitos percecionam o sentido de pertença e o contato social como sendo relevantes na comunidade. Estes aspetos revelam-se determinantes para uma boa integração do indivíduo numa comunidade, e consequentemente para o seu sentido de comunidade.

Da comparação entre a importância atribuída à comunidade, a importância da “pertença” e a importância do “contato social” entre géneros, verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre estas dimensões da EIC em função da variável género. No entanto, é importante referir que são os rapazes que atribuem maior importância à comunidade e que dão maior importância ao sentido de pertença na comunidade onde estão inseridos, embora sejam as raparigas que atribuem maior importância ao contato social na comunidade. Deduz-se que essas ligeiras diferenças entre géneros poderão estar relacionadas com os aspetos que cada um vê como relevantes na comunidade onde está inserido.

Através da comparação das pontuações médias na importância atribuída à comunidade em função da variável data de entrada na universidade, observou-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre elas. Não obstante esta ausência de diferenças, são os estudantes que entraram há menos de três anos que atribuem maior importância à comunidade comparativamente com os que começaram a frequentar a universidade há mais de três anos. No que se refere à importância atribuída à “pertença” na comunidade é o grupo de estudantes que entraram há mais de três anos que a avalia mais favoravelmente. São os que entraram há menos de três anos que atribuem maior importância ao “contato social” na comunidade. De facto, a comunidade parece ser importante para os estudantes que frequentam o ensino superior há menos tempo, o que também os pode levar a atribuir maior importância ao “contato social”. No entanto, não podemos ignorar as limitações inerentes aos resultados obtidos nesta escala, por ter apenas dois itens. Para Florin e Wandersman (1984), Long e Perkins (2003), Unger e Wandersman (1985, cit. em Ornelas, 2008), o sentido de comunidade está correlacionado positivamente com o desenvolvimento de relações positivas entre vizinhos, com a participação em organizações locais, com o controlo percecionado sobre o ambiente envolvente e com a eficácia coletiva. Para além da duração no tempo das interações na comunidade, outros fatores poderão ter influência. Segundo Marante (2010), nessa interação há que ter em conta alguns aspetos: os limites das comunidades são assim muito determinados pela sociedade moderna, na qual a múltipla culturalidade é baseada tanto nas regiões e tradições/cultura – bairros, cidades, zonas, país – como nos interesses – profissões

e religião. Por seu lado, para McMillan e Chavis (1986), indivíduos com alto SPC têm um elevado sentimento de pertença, os membros desse grupo preocupam-se uns com os outros e com o grupo, acreditando por isso que as suas necessidades e as dos outros membros serão satisfeitas através do compromisso de permanecerem juntos. Também devido à partilha de histórias semelhantes, sentem uma vinculação emocional forte, investindo muito no grupo. Assim, pode-se afirmar que ter um alto SPC implica uma forte ligação entre o indivíduo e as comunidades a que pertence.

Considerações finais

Salienta-se a importância atribuída pelos estudantes à sua própria comunidade e o facto de esta comunidade ser essencial para a sua identidade pessoal e para a sua vida social.

Apesar da mudança de comunidade geográfica, e da provável diferença cultural entre as comunidades de origem dos estudantes PALOP e CPLP da UBI – nomeadamente valores culturais, diferenças e semelhanças culturais – considera-se que o desenvolvimento de novas relações entre os residentes aconteça com base em um conjunto de aspetos. Interesses e valores comuns e a vontade de conhecer e apreender novas realidades culturais podem contribuir para que possam sentir o novo contexto como um espaço seguro, onde podem aprender novas competências e fazer amigos, investindo a sua energia e tempo no seguimento de objetivos comuns. Neste sentido será dada primazia às novas comunidades, aos outros grupos de pertença, relativizando a menor importância dada à comunidade geográfica. Também o facto de sentirem que podem exercer influência sobre aquilo que acontece na sua comunidade, e que as suas necessidades sejam satisfeitas pelos recursos locais e através do contato com os outros residentes poderá favorecer o seu investimento relacional e fazer a diferença, contribuindo para o estabelecimento de uma ligação afetiva com a nova comunidade e com os seus membros.

Referências

- Brodsky, A., & Marx, C. (2001). Layers of identity: Multiple psychological senses of community within a community setting. *Journal of Community Psychology, 29* (2), 161-178.
- Chavis, D., Hogge, J., McMillan, D., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunswick's lens: A first look. *Journal of Community Psychology, 14* (1), 24-40.
- Chipuer, H., & Pretty, G. (1999). A review of the sense of community index: Current uses, factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology, 27* (6), 643-658.
- Dalton, J. H., Elias, M. J., & Wandersman, A. H. (2001). *Community psychology: Linking individuals and communities*. Stamford: Wadsworth.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: A first look. *Journal of Community Psychology, 19*, 246-253.

- Glynn, T. (1981). Psychological sense of community: Measurement and application. *Human Relations*, 34 (7), 789-818.
- Gonçalves, A. C. (2009). *O sentido de comunidade, o suporte social percebido e a satisfação com a vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Gusfield, J. R. (1975). *The community: A critical response*. Nova Iorque: Harper Colophon.
- Joranko, D. (1998). *The sense of community on a racially integrated residential block in Lansing, Michigan*. Comunicação apresentada ao encontro da Michigan Sociological Association ("Specific Populations").
- Marante, L. (2010). *A reconstrução do sentido de comunidade: Implicações teórico-metodológicas no trabalho sobre a experiência de sentido de comunidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Marante, L. (2010). *A reconstrução do sentido de comunidade*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica. Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Portugal.
- McMillan, W. D., & Chavis, M. D. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14 (1), 6-22.
- McMillan, D. W. (1996). Sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24 (4), 315-325.
- Obst, P., Zinkiewicz, L., & Smith, S. (2002). Sense of community in science fiction Fandom, Part 1: Comparing neighbourhood and interest group sense of community. *Journal of Community Psychology*, 30 (1), 105-117.
- Obst, P., & White, K. (2005). An exploration of the interplay between psychological sense of community, social identification and salience. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 15 (2), 127-135.
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia comunitária*. Lisboa: Fim de Século.
- Pestana, H. M., & Gageiro, N. J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS (5ª ed.)*. Lisboa: Sílabo.
- Peterson, N. A., Speer, P. W., & McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, pp. 61-73.
- Prezza, M., & Costantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8 (3), 181-194.
- Pretty, G. H., Andrewes, L., & Collet (1994). Exploring adolescent's sense of community and its relationship to loneliness. *Journal of Community Psychology*, 22 (4), 346-357.
- Pretty, G. M. H., Conroy, C., Dugay, J., Fowler, K., & Williams, D. (1996). Sense of community and its relevance to adolescents of all ages. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 24 (4), 365-379.
- Rappaport, J. (1994). Empowerment as a guide to doing research: Diversity as a positive value. In Trickett, E., Watts, R., & e Birman, D. (Eds.), *Human diversity: Perspectives on people in context* (pp. 359-382). San Francisco: Jossey-Bass.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Sarason, S. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.